

RESUMOS

A Basílica Vaticana de São Pedro: encontro entre inculturação e tradição na Renascença

MARCOS JOSÉ ANDRADE DEIRÓ, SAC¹

DOM BASÍLIO (GABRIEL) LOPES OLIVEIRA²

PROF. DR. GILCEMAR HOHEMBERGER³

O presente texto tem o objetivo de abordar a construção da Basílica de São Pedro, no Vaticano, como fruto da inculturação do espírito renascentista. Para isso, utilizaremos como base as obras: *A Igreja da Renascença e da Reforma*, no seu primeiro volume, de Daniel-Rops; *História da Santa Igreja: a barca e as tempestades*, volume II, de Alfredo Sáenz, SJ e *A Essência do Cristianismo*, de Romano Guardini. O método adotado para orientar a análise é o histórico-hermenêutico, que visa interpretar as ideias dos autores, buscando evidenciar como ambos tratam os reflexos do espírito renascentista na construção da Basílica Vaticana de São Pedro. Rops, em sua obra, demonstra e afirma o nascimento da Renascença em solo italiano como um clima e um estado de espírito. Após o cisma do ocidente, de 1378, inicia-se, em 1447, com Nicolau V, o processo de recomposição da autoridade papal na Cidade Eterna e no mundo católico, e o espírito renascentista é assimilado na Igreja. Inicia-se um processo de renascimento urbano e artístico, incluindo a fundação da biblioteca vaticana, e tem o seu ponto culminante no pontificado de Júlio II, com o início da construção

¹ Marcos José Andrade Deiró, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Dom Basílio (Gabriel) Lopes Oliveira é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Gilcemar Hohemberger é Doutor em Teologia Sistemática e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

da atual Basílica de São Pedro, em estilo renascentista. Sáenz, por sua vez, afirma o renascimento como um fenômeno ambíguo. Embora as suas contribuições intelectuais e artísticas fossem relevantes e positivas, causaram dentro da Igreja fortes contrariedades. A construção da atual Basílica Petrina mostra-se como uma glória da fé católica, na qual a Igreja dá a seus fiéis um centro espiritual como símbolo do seu triunfo ao longo dos tempos. No entanto, também evidencia o risco de uma *secularização* da Igreja, a medida que a centralidade visada com o caráter estético poderia vir a obscurecer seu propósito espiritual. Guardini, por sua vez, afirma que a Basílica Vaticana consiste em um esforço constante da própria Igreja em associar os símbolos da cultura, não de maneira superficial, mas dando a eles o seu fim último, que é a glorificação de Deus. Embora os referidos autores partam de perspectivas distintas, concordam que a atual Basílica Vaticana é um símbolo da cristianização da Renascença, especialmente no campo da arquitetura. A Basílica revela o constante esforço da Igreja em acolher elementos culturais de seu tempo como forma de inculturação a serviço da evangelização, expressando-se por meio dos símbolos, acolhendo o novo sem abandonar o antigo, e mantendo viva a tradição. Deste modo, a Igreja se mantém fiel à sua identidade, mesmo assumindo novas formas em cada época.

Palavras-chave: Basílica Vaticana. Renascença. Inculturação.



FACULDADE DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO

I Jornada de Filosofia e Teologia: Cultura Italiana

A BASÍLICA VATICANA DE SÃO PEDRO: ENCONTRO ENTRE INCLUTURAÇÃO E TRADIÇÃO

Dom Basílio (Gabriel) Lopes, IBEA¹, Marcos José, SAC¹, Prof. Dr. Gilcemar Hohemberg²

¹Graduando de Teologia FSBRJ
²Professor de Teologia FSBRJ

INTRODUÇÃO

A Basílica de São Pedro, no Vaticano, é o coração da fé católica e um símbolo que atravessa os séculos. Sua construção nasceu do encontro entre a tradição da Igreja e o sopro criativo da Renascença, período de intensa renovação cultural e artística.

Durante o pontificado de Júlio II, a obra ganhou forma como templo e centro espiritual para milhões de fiéis. Sua grandiosidade impressiona, mas também provoca a reflexão: como manter a beleza a serviço da fé, sem que ela se torne um fim em si mesma?

Mais do que mármore e arte, São Pedro é um testemunho vivo de que a Igreja pode dialogar com cada época, acolhendo o novo sem perder sua essência.

METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de um levantamento bibliográfico das obras *A Igreja da Renascença e da Reforma* (Daniel-Rops), *História da Santa Igreja: A Barca e as Tempestades* (Alfredo Sáenz, SJ) e *A Essência do Cristianismo* (Romano Guardini). Adotou-se o método histórico-hermenêutico para interpretar e relacionar as ideias dos autores, identificando como cada um aborda a influência da Renascença na construção da Basílica Vaticana.

A análise buscou reconhecer convergências e divergências entre estética e espiritualidade, sistematizando os resultados em eixos como inculturação, preservação da tradição e riscos de secularização, culminando na elaboração de um texto que integra a dimensão histórica e a interpretação teológica.

Figura 1 – Fachada principal da Basílica do Vaticano



Palavras-Chaves: Renascença; Basílica do Vaticano; Cristianismo

RESULTADOS

Apesar de abordarem o tema de maneiras diferentes, todos concordam: a Basílica de São Pedro é um exemplo claro de como a Igreja soube cristianizar a Renascença, especialmente na arquitetura. Ao incorporar elementos da época, manteve viva a tradição e enfrentou o desafio de garantir que a beleza servisse ao Evangelho, e não o contrário.

Figura 2 – Interior da Basílica



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Basílica Vaticana é testemunho do diálogo fecundo entre fé e cultura. Ela mostra como a Igreja, sem renunciar à sua identidade, pode acolher linguagens artísticas e intelectuais contemporâneas, transformando-as em instrumentos de evangelização. Ao unir inculturação e tradição, São Pedro permanece como sinal visível do triunfo da fé ao longo dos séculos.

REFERÊNCIAS

ROPS, Daniel. *A Igreja da Renascença e da Reforma: I*. São Paulo: Quadrante, 2022.

SÁENZ, Alfredo. *História da Santa Igreja: a barca e as tempestades*. v. 2. Rio de Janeiro: Centro Dom Bosco, 2021.

GUARDINI, Romano. *A Essência do Cristianismo*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.

CONTATO: irbasilio.ea@gmail.com



Cesare Beccaria e a Filosofia da Pena: da Razão à Crítica do Poder Punitivo

MARIA CLACIR SCHUMAN¹

THIAGO VICTOR SILVA DOS ANJOS, SAC²

PROF. D. TOMÁS DOS SANTOS PERES, OSB³

Este artigo analisa a obra *Dos Delitos e das Penas* (1764), de Cesare Beccaria, enfatizando sua relevância filosófica e jurídica no processo de racionalização do sistema penal. Em um contexto marcado pela arbitrariedade do poder soberano, pela tortura e por punições desproporcionais, Beccaria inaugura uma crítica iluminista que propõe a substituição da vingança penal por um modelo racional e preventivo de justiça. O objetivo geral da pesquisa é investigar de que modo o pensamento de Beccaria contribuiu para a superação do paradigma penal absolutista e influenciou a formação do direito penal moderno, com base nos princípios da legalidade, da proporcionalidade e da dignidade da pessoa humana. A metodologia adotada consiste em abordagem qualitativa, de natureza histórico-filosófica, com análise textual da obra beccariana e comparação com documentos históricos relevantes, como a *Carta Magna* (1215) e a *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* (1789). Além disso, o estudo estabelece diálogo com pensadores que sucederam ou contrapuseram-se a Beccaria: Jeremy Bentham, Immanuel Kant, Paul Johann Anselm Feuerbach e Michel

¹ Maria Clacir Schuman é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Thiago Victor Silva dos Anjos, SAC é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Dom Tomás dos Santos Peres, OSB é Mestre em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

Foucault. Os resultados indicam que Beccaria foi decisivo na transição de um modelo penal, baseado na força soberana, para outro, fundamentado na razão. Sua defesa da abolição da tortura, da proporcionalidade das penas e da legalidade penal influenciou diretamente reformas institucionais em diversos países. Conclui-se que sua crítica ao poder punitivo inaugura um modelo de justiça centrado na razão, na humanidade e no equilíbrio entre o direito de punir e os direitos do acusado.

Palavras-chave: Crime. Justiça. Pena.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

CESARE BECCARIA E A FILOSOFIA PENAL: DA RAZÃO À CRÍTICA DO PODER PUNITIVO

Maria Clacir Schuman¹, Thiago Victor Silva dos Anjos, SAC¹ e Orientador Dom Tomás Peres, OSB²

[contato_Email_clacirschuman@icloud.com](mailto:clacirschuman@icloud.com)

¹Graduando de Filosofia - FSBRJ

²Professor de Filosofia - FSBRJ

INTRODUÇÃO

Este projeto analisa a obra "Dos Delitos e das Penas" (1764), de Cesare Beccaria, enfatizando sua relevância filosófica e jurídica no processo de racionalização do sistema penal. Beccaria inaugura uma crítica que propõe a substituição da vingança penal por um modelo racional e preventivo de justiça.

OBJETIVO

Investigar de que modo o pensamento de Beccaria contribuiu para a superação do paradigma penal absolutista e influenciou a formação do direito penal moderno, com base nos princípios da legalidade, da proporcionalidade e da dignidade da pessoa humana.

METODOLOGIA

Abordagem qualitativa de natureza histórico-filosófica, com análise textual da obra beccariana e comparação com documentos históricos relevantes, como a "Carta Magna" (1215) e a "Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão" (1789).

RESULTADOS

Beccaria foi decisivo na transição de um modelo penal baseado na força soberana para outro fundamentado na razão. Sua defesa da abolição da tortura, da proporcionalidade das penas e da legalidade penal influenciou reformas institucionais em diversos países.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crítica do autor inaugura um modelo de justiça centrado na razão, na humanidade e no equilíbrio entre o direito de punir e os direitos do acusado.

Tortura e vingança: uma prática da "justiça" criticada por Beccaria



A proposta de uma justiça fundada na razão



Palavras-Chaves: Cesare Beccaria. Justiça. Razão.



O conceito de amizade no pensamento de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino: a relação do homem com Deus

MARCOS PAULO BOECHAT FRÓES, SAC¹

MARCOS JOSÉ ANDRADE DEIRÓ, SAC²

PROF. D. TOMÁS DOS SANTOS PERES, OSB³

O trabalho tem como objetivo abordar a temática da amizade, estabelecendo uma comparação conceitual entre o pensamento de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino. Para isso, utilizaremos como base as obras *Ética a Nicômaco*, de Aristóteles, e a *Suma Teológica*, de Santo Tomás de Aquino. O estudo utiliza uma metodologia qualitativa, de natureza comparativa, buscando compreender como esses pensadores abordam a questão da amizade no âmbito da ética e do transcendente, procurando ressaltar possíveis convergências e diferenças. Aristóteles em sua obra *Ética a Nicômaco* (Livro VIII), aborda o conceito da amizade – *philia* –, como algo essencial para a vida humana, classificando-a em três tipos: amizade por utilidade, por prazer e a virtuosa. O Estagirita considera a amizade como um hábito ou uma virtude, e a disposição para cultivá-la deve ser um desejo sincero e autêntico na busca pelo bem comum na vida da pólis que conduz o homem à felicidade. Para ele, a amizade perfeita é aquela que ocorre entre homens de bem e semelhantes na virtude, ou seja, a verdadeira amizade

¹ Marcos Paulo Boechat Fróes, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Marcos José Andrade Deiró, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Dom Tomás dos Santos Peres, OSB é Mestre em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

acontece quando os amigos se amam pelo que são em si mesmos, pelo seu caráter virtuoso, e que desejam o bem um do outro como fim. Essa amizade difere de outras relações baseadas em conveniências, interesses passageiros e/ou prazerosos. São vínculos afetuosos que para Aristóteles não possuem uma amizade autêntica, recíproca. Aristóteles também relaciona a amizade com a vida política e o bem comum, enfatizando que as comunidades se mantêm unidas porque sustentam vínculos de amizade. Santo Tomás de Aquino, em seu campo conceitual, trata da amizade na Suma Teológica, especificamente, no Tratado da Caridade (na IIa IIae, q.23-46). Santo Tomás concorda com Aristóteles, quando retoma a concepção de amizade como uma disposição virtuosa e relação de benevolência mútua, mas ultrapassa Aristóteles quando demonstra o caráter transcendente e sobrenatural da amizade, afirmando a possibilidade da amizade com o divino. Assim, Santo Tomás de Aquino identifica a caridade como a forma mais elevada de amizade entre Deus e o homem. Deste modo, embora ambos os autores reconheçam a importância da amizade no campo ético, Aquino expande o conceito aristotélico de amizade, ao inserir o pensamento cristão, demonstrando que a verdadeira amizade está enraizada na comunicação entre Deus e o homem, mostrando que o amor de caridade é uma amizade fundada não apenas na virtude humana, mas nessa relação de comunicação.

Palavras-chave: Amizade. Comunicação. Felicidade. Amor.



FACULDADE DE SÃO BENTO DO RIO DE JANEIRO

I Jornada de Filosofia e Teologia: Cultura Italiana

O conceito de amizade no pensamento de Aristóteles e São Tomás de Aquino: a relação do homem com Deus

Marcos Paulo Boechat Fróes¹, Marcos José Andrade Deiro² e D. Tomás dos Santos Peres (OSB)³

¹Graduando de Teologia FSBRJ

²Graduando de Teologia FSBRJ

³Professor de Filosofia FSBRJ

INTRODUÇÃO

A amizade sempre ocupou lugar central na reflexão filosófica ocidental. Em Aristóteles, trata-se de uma virtude essencial à vida ética e política, sendo classificada em três tipos: amizade por utilidade, por prazer e a amizade virtuosa. Em São Tomás de Aquino, a amizade é retomada à luz da revelação cristã e elevada ao plano teológico como caridade, tornando-se relação possível entre o homem e Deus.

Pergunta norteadora:

É possível haver amizade entre o homem e Deus?

Objetivo geral:

Analisar comparativamente o conceito de amizade em Aristóteles e São Tomás de Aquino destacando a importância do pensamento do pensador italiano em sua abertura a transcendência, na relação de amizade entre o homem e Deus.

METODOLOGIA

• Pesquisa de natureza qualitativa e comparativa;

• Análise textual da *Ética a Nicômaco* (Livro VIII) e da *Suma Teológica* (IIa IIae, q.23-25);

• Utilização do método hipotético-dedutivo para verificar a viabilidade da amizade com Deus no pensamento tomista;

• Comparação das estruturas conceituais de amizade natural (Aristóteles) e amizade sobrenatural (Tomás).

A incredulidade de Tomé - Caravaggio



Palavras-Chaves: amizade; transcendência; homem; relação; Deus;

RESULTADOS

• Aristóteles define a amizade como virtude e hábito adquirido, necessária para a felicidade, tendo por base a reciprocidade e a virtude.

• Tomás assume os conceitos aristotélicos, mas expande o conceito de amizade ao incluir o amor infundido por Deus (caridade) como amizade sobrenatural.

• A amizade com Deus, impossível em Aristóteles por desigualdade ontológica, torna-se possível em Tomás pela graça divina, que comunica vida e bem ao homem.

• A verdadeira amizade, para Tomás, une o homem ao seu fim último: Deus

Aristóteles

Santo Tomás de Aquino



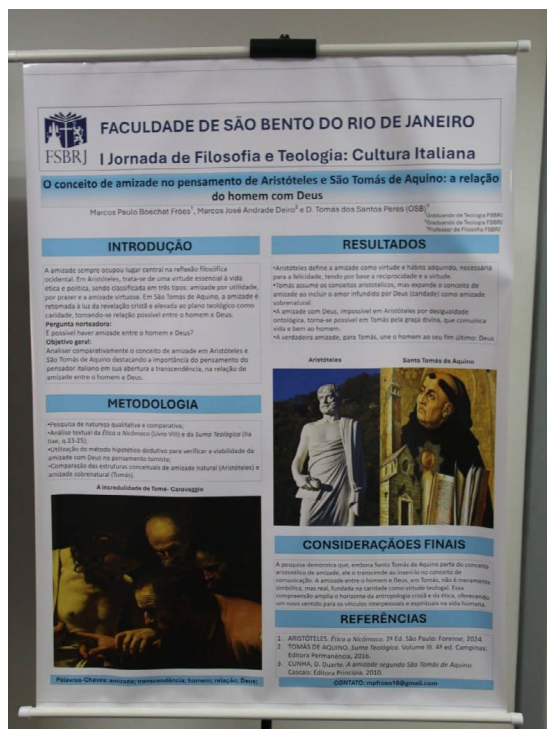
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa demonstra que, embora Santo Tomás de Aquino parta do conceito aristotélico de amizade, ele o transcende ao inseri-lo no conceito de comunicação. A amizade entre o homem e Deus, em Tomás, não é meramente simbólica, mas real, fundada na caridade como virtude teologal. Essa compreensão amplia o horizonte da antropologia cristã e da ética, oferecendo um novo sentido para os vínculos interpessoais e espirituais na vida humana.

REFERÊNCIAS

1. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. 2ª Ed. São Paulo: Forense, 2024.
2. TOMÁS DE AQUINO. *Suma Teológica*. Volume III. 4ª ed. Campinas: Editora Permanência, 2016.
3. CUNHA, D. Duarte. *A amizade segundo São Tomás de Aquino*. Cascais: Editora Príncipia, 2010.

CONTATO: mpfrees10@gmail.com



Conversa com Francisco

MARISE MALECK DE OLIVEIRA¹

D. ANSELMO CHAGAS DE PAIVA, OSB²

A carta encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco, aborda o cuidado com a casa comum e a relação do ser humano com o meio ambiente. Ao longo da leitura dessa obra, o objetivo foi refletir sobre suas mensagens e compartilhar algumas reflexões surgidas durante o processo. O estudo baseou-se na leitura e interpretação de trechos da encíclica *Laudato Si'*. Papa Francisco, seu nome, o simples, o agregador. A sua carta, nos convida a olhar a natureza, com o compromisso com o UNO. O meio ambiente é a nossa casa, nós somos o meio ambiente. O nosso mundo é a casa da Criação, um projeto da expressão do amor do Criador. Dos seres mais simples, como os plânctons, os parasitas, os unicelulares até os mais complexos, como o ser humano, todos somos resultados da criação divina. A nossa casa também é a mesma, apenas com aspectos diferentes. Não existe a minha floresta, o meu oceano, o meu pedaço de terra... Existe a nossa Casa Comum. O meu Deus também é seu Deus, é ÚNICO, somente com diferentes nomes. Segundo Pseudo-Dionísio (1996), os muitos nomes que não o definem, um não é, não é mortal, não é divisível... Mas, um Deus imortal, inefável, imaterial, um Deus que transcende. A nossa razão tão restrita a sistemas, preconceitos; a lógica nem tão lógica; as técnicas ainda não conectadas com o meio ambiente etc. Papa Francisco, seu apelo para com o nosso

¹ Marise Maleck de Oliveira é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Dom Anselmo Chagas de Paiva, OSB é Doutor em Direito Canônico e Diretor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

compromisso em cuidar da nossa Casa Comum, o jardim do mundo, vem como um apelo político, educacional, espiritual, ecológico, social, repleto da necessidade de não somente sentir a nossa responsabilidade, mas de agir no agora, a pensar o hoje. O porquê e para que estamos aqui? O que queremos deixar para as próximas gerações? Qual o nosso papel como ser humano na imensidão do universo? O que estamos fazendo com a saúde do ambiente em que vivemos? Com os nossos oceanos? Com os nossos lençóis freáticos? Com a nossa fauna e flora? O nosso Deus é transcendente, mas a nossa casa comum é esgotável. É necessário aproximar-se da natureza e do meio ambiente com admiração e encanto, deixando brotar a solicitude e a generosidade, diante da grandeza e da beleza das criaturas, e assim chegar ao Criador.

Palavras-chave: Casa comum. Meio ambiente. *Laudato Si'*.

- 1- PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA. *Teologia Mística*. Tradução do grego por Mário Sérgio de Carvalho. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1996.
- 2- PAPA FRANCISCO. *Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2022.

I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

Conversa com Francisco

Marise Maleck¹ e D. Anselmo Chagas de Paiva, OSB²

¹Graduando do Curso de Filosofia – FSBRJ, ²Professor do Curso de Filosofia – FSBRJ



E-mail: marise.Maleck@gmail.com

INTRODUÇÃO

Na carta encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco reflete sobre o cuidado com a casa comum e a relação do ser humano com o meio ambiente.

OBJETIVO

Ao longo da leitura desta obra, o objetivo foi refletir sobre suas mensagens e compartilhar algumas reflexões surgidas durante o processo.

METODOLOGIA

Leitura e reflexões de trechos da encíclica *Laudato Si'* (Figura 1).

Figura 1 - Carta encíclica *Laudato Si'*



Imagens: Google imagens. Acesso em 8 ago. 2025.

Palavras-Chaves: Casa comum. Meio ambiente. *Laudato Si'*

RESULTADOS

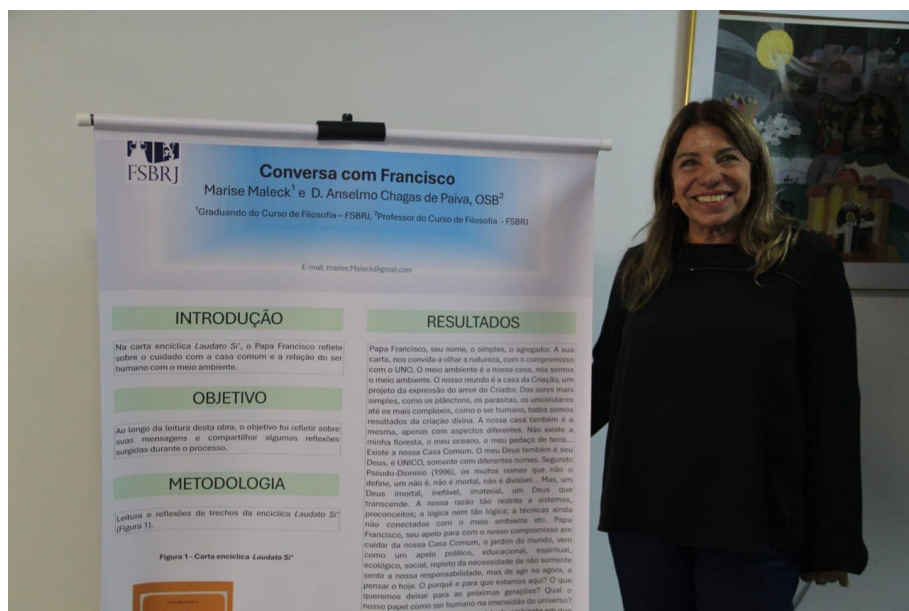
Papa Francisco, seu nome, o simples, o agregador. A sua carta, nos convida a olhar a natureza, com o compromisso com o UNO. O meio ambiente é a nossa casa, nós somos o meio ambiente. O nosso mundo é a casa da Criação, um projeto da expressão do amor do Criador. Dos seres mais simples, como os plânctons, os parasitas, os unicelulares até os mais complexos, como o ser humano, todos somos resultados da criação divina. A nossa casa também é a mesma, apenas com aspectos diferentes. Não existe a minha floresta, o meu oceano, o meu pedaço de terra... Existe a nossa Casa Comum. O meu Deus também é seu Deus, é ÚNICO, somente com diferentes nomes. Segundo Pseudo-Dionísio (1996), os muitos nomes que não o define, um não é, não é mortal, não é divisível... Mas, um Deus imortal, inefável, imaterial, um Deus que transcende. A nossa razão tão restrita a sistemas, preconceitos; a lógica nem tão lógica; a técnicas ainda não conectadas com o meio ambiente etc. Papa Francisco, seu apelo para com o nosso compromisso em cuidar da nossa Casa Comum, o jardim do mundo, vem como um apelo político, educacional, espiritual, ecológico, social, repleto da necessidade de não somente sentir a nossa responsabilidade, mas de agir no agora, a pensar o hoje. O porquê e para que estamos aqui? O que queremos deixar para as próximas gerações? Qual o nosso papel como ser humano na imensidão do universo? O que estamos fazendo com a saúde do ambiente em que vivemos? Com os nossos oceanos? Com os nossos lençóis freáticos? Com a nossa fauna e flora? O nosso Deus é transcendente, mas a nossa casa comum é esgotável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É necessário aproximar-se da natureza e do meio ambiente com admiração e encanto, deixando brotar a solicitude e a generosidade diante da grandeza e da beleza das criaturas, e assim chegar ao Criador.

REFERÊNCIAS

PAPA FRANCISCO, *Carta encíclica Laudato Si': sobre o cuidado da casa comum*, 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2022.
PSEUDO-DIONÍSIO AREOPAGITA, *Teologia mística*. Tradução do grego por Mário Sérgio de Carvalho. Porto: Fundação Eng. Antônio de Almeida, 1996.



Crítica de Horácio ao Estoicismo nas Sátiras

IR. HILÁRIO NOGUEIRA DE SIQUEIRA, OSB¹

PROF. DR. DANIEL LEITE CABRERA PEREIRA DA ROSA²

Nos dois livros das sátiras, Horácio dedica três delas a três paradoxos estoicos: ao “todos os pecados são iguais”, a sátira I, 3; ao “todos os tolos são loucos”, a sátira II, 3; e ao “todos os tolos são escravos”, a sátira II, 7. O objeto do presente trabalho é apresentar como esse autor usa e critica, nessas obras, tais paradoxos e o que ele rejeita no estoicismo. Para tal, primeiro será expresso o que significa “paradoxo” para a escola estoica; em seguida, cada uma dessas três sátiras será analisada ao lado do *Paradoxa Stoicorum* de Cícero, para melhor se compreender o que os estoicos pensavam e defendiam a respeito; e por fim, será apresentado o método de refutação de Horácio, que não necessariamente era o argumentativo, mas por meio de diatribes. A sátira I, 3, dedicada ao terceiro paradoxo defendido por Cícero, “todos os pecados são iguais”, denuncia a falta de razoabilidade da posição estoica contrastando falhas menores (como inconsistências ou críticas leves a amigos) com crimes graves. Argumenta que os de tal opinião têm dificuldade quando hão de lidar com a realidade, uma vez que a isso “repugnam o senso comum, os costumes, e a própria utilidade, mãe do justo e equânime”. Substitui, portanto, uma concepção essencialista de justiça, por uma utilitarista, admitindo graus entre vícios e virtudes, tornando possível haver amizades. Na sátira II, 3 dedicada ao “todos os estultos são insanos”

¹ Ir. Hilário Nogueira de Siqueira, OSB é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Daniel Leite Cabrera Pereira da Rosa é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

ou “todos os que têm vícios possuem alguma doença”, o quinto de Cícero, o próprio Horácio é acusado de loucura pelo personagem Damasipo. Esse, arruinado economicamente, havia de se suicidar pelo *Pudor malus* de ser tido como insano, mas o filósofo estoico, Esternino (personagem histórico), mostra que quase todos são insanos. Assim, Horácio, ao dar um grande discurso a Damasipo, usa de sua voz para condenar vícios que ele condena, e de seu caráter, para criticar o uso desse paradoxo, não para se converter, mas para se auto justificar: “*aliena negotia curo/excussus propriis*”. Na sátira II, 7, que zomba do quarto paradoxo defendido por Cícero, “todos os tolos são escravos”, Davo, escravo de Horácio, descreve vários vícios, pelos quais seu dono é mais escravo do que ele, como sua obediência a Mecenas. Sua refutação está no ridículo de Horácio ameaçá-lo de trabalhos penosos, levando-o a se retirar. A verdadeira crítica, portanto, dessa sátira é a rigidez e absurdidade do paradoxo quando aplicado a situações e papéis sociais do cotidiano, ou seja, sua impraticabilidade. Todavia, Davo, assim, como Damasipo, além de sua ação ser contraditória com sua doutrina, também mostra as contradições da sociedade romana, objetivo de todas as Sátiras. Diante, pois, dessas três críticas, o presente trabalho mostra que Horácio não rejeita totalmente o estoicismo, mas seu aspecto de ter máximas universais. Por isso, sempre que ele faz uso dessa escola filosófica, de forma positiva ou negativa, se apoia em personagens e não no homem universal.

Palavras-chave: Sátiras. Paradoxos estoicos. Filosofia romana.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSB RJ

Tema: Cultura Italiana

Crítica de Horácio ao Estoicismo nas Sátiras

Ir. Hilário N. de Siqueira¹ ; Prof^o. Daniel Leite².

¹Graduando de Filosofia - FSB RJ
(ir.hilario@corporativo.msbj.org.br)
²Professor de Filosofia - FSB RJ

INTRODUÇÃO

Nos dois livros das sátiras, Horácio dedica três delas a três paradoxos estoicos: ao "todos os pecados são iguais", a sátira I, 3; ao "todos os tolos são loucos", a sátira II, 3; e ao "todos os tolos são escravos", a sátira II, 7.

OBJETIVO

Por isso, o objeto do presente trabalho é apresentar como esse autor critica, nessas obras, esses paradoxos e por que o espírito dessas obras do início da carreira poética o levava a rejeitar essa escola filosófica.

METODOLOGIA

Para tal, primeiro será expresso o que significa "paradoxo" para a escola estoica; em seguida, cada uma dessas três sátiras será analisada ao lado do *Paradoxa Stoicorum* de Cícero, para melhor se compreender o que os estoicos os pensavam e os defendiam; e por fim se apresentará o método de refutação de Horácio, que, assim como o dos epicuristas, não necessariamente era o argumentativo.

Palavras-Chaves: Sátiras, paradoxos estoicos, filosofia romana.

RESULTADOS

A sátira I, 3, dedicada ao terceiro paradoxo defendido por Cícero "todos os pecados são iguais", denuncia a falta de razoabilidade da posição estoica contrastando falhas menores (como inconsistências ou críticas leves a amigos) com crimes graves. Argumenta que os de tal opinião têm dificuldade quando não de lidar com a realidade, uma vez que a isso "repugnam o senso comum, os costumes, e a própria utilidade, mãe do justo e equânime". Substitui, portanto, uma concepção essencialista de justiça, por uma utilitarista, admitindo graus entre vícios e virtudes, donde é possível haver virtudes.

Na sátira II, 3 dedicada ao "todos os estultos são insanos", o quinto de Cícero, o próprio Horácio é acusado de loucura pelo personagem Damasipo. Esse, arruinado economicamente, havia de se suicidar pelo *Pudor malus* de ser tido como insano, mas o filósofo estoico, Esternino (personagem histórico), mostra que quase todos são insanos. Assim, Horácio, ao dar um grande discurso a Damasipo, usa de sua voz para condenar vícios que ele condena, e de seu caráter, para criticar o uso desse paradoxo, não para se converter, mas para se auto justificar: *aliena negotia curo/ excussus propriis* (20-21)

A sátira II, 7, que zomba do quarto paradoxo defendido por Cícero, "todos os tolos são escravos", começa quando Davo, escravo de Horácio, afirmando serem escravos os homens quer fiéis aos seus vícios quer inconstantes, estando ora na libertinagem, ora no ascetismo, sendo que seu dono se enquadrava nesse último. Sua refutação está no ridículo de que Horácio, derrotado pelo argumento de seu escravo, segundo o qual ele, apesar de dono, ser mais escravo que seu escravo, ameaça-lo de trabalhos penosos. A verdadeira crítica, portanto, dessa sátira é a rigidez e absurdidade do paradoxo quando aplicado a situações e papéis sociais do cotidiano, ou seja, sua impraticabilidade.

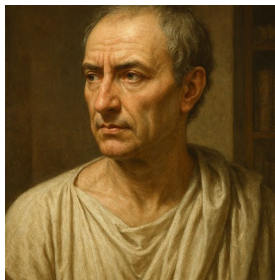


Imagem gerada por IA

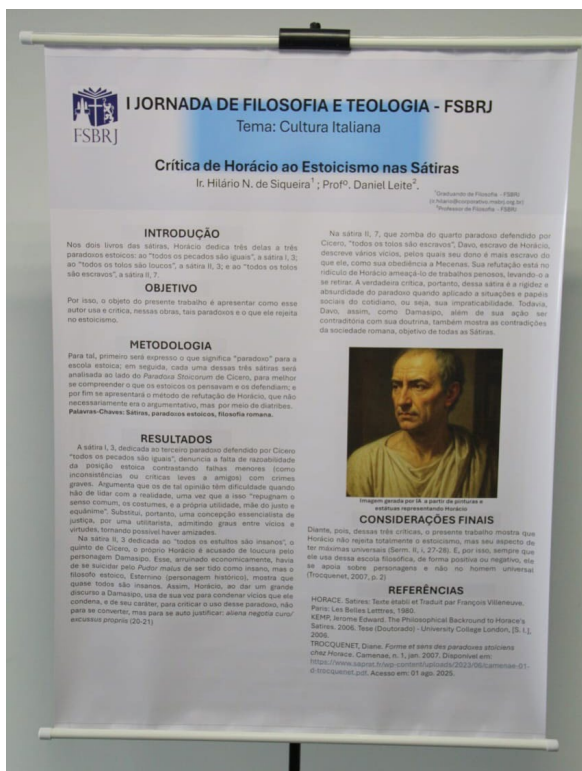
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante, pois, dessas três críticas, o presente trabalho mostra que Horácio não rejeita totalmente o estoicismo, mas seu aspecto de ter máximas universais (Serm. II, i, 27-28). E, por isso, sempre que ele usa dessa escola filosófica, de forma positiva ou negativa, ele se apoia sobre personagens e não no homem universal (Trocquet, 2007, p. 2)

REFERÊNCIAS

- HORACE. *Satires: Texte établi et Traduit par François Villeneuve*. Paris: Les Belles Lettres, 1980.
KEMP, Jerome Edward. *The Philosophical Background to Horace's Satires*. 2006. Tese (Doutorado) - University College London, [S. l.], 2006.
TROCQUENET, Diane. *Forme et sens des paradoxes stoiciens chez Horace*. *Camenae*, n. 1, jan. 2007. Disponível em: <https://www.saprat.fr/wp-content/uploads/2023/06/camenae-01-d-trocquet.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2025.





A finitude da vida na Consolação da Filosofia de Boécio e na Aquarela de Toquinho

CARLOS ALBERTO MAGALHÃES¹

MÁRCIA MONTEIRO MATOS²

ANGELA MARIA BARBOSA DAVIS³

PROF. DR. ANDRÉ CAMPOS DA ROCHA⁴

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a finitude da vida como caminho para a verdadeira felicidade, a partir de duas obras de natureza distinta: *A Consolação da Filosofia*, de Boécio, e a canção *Aquarela*, de Toquinho, Guido Morra, entre outros. A análise parte da premissa de que a consciência da finitude pode levar o ser humano a uma busca mais profunda sobre o sentido da existência. Ambas as obras, cada uma a seu modo, abordam essa temática universal que perpassa diferentes épocas e culturas: a morte e o caráter transitório da vida. A metodologia consistiu em uma análise qualitativa e comparativa entre os dois textos. A leitura interpretativa foi orientada por uma abordagem hermenêutica, considerando o contexto filosófico da obra de Boécio e a linguagem simbólica e subjetiva presente na canção de Toquinho. Embora a proposta de comparação entre obras tão distantes no tempo e no estilo seja incomum, justifica-se por revelar como diferentes formas de expressão humana – filosófica e artística – podem convergir na abordagem de questões existenciais. O objetivo foi compreender como

¹ Carlos Alberto Magalhães é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Márcia Monteiro Matos é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Angela Maria Barbosa Davis é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

⁴ André Campos da Rocha é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

essas obras dialogam entre si ao propor uma visão da vida atravessada pela consciência do fim e a busca da felicidade. Na *Consolação da Filosofia*, logo nos primeiros versos, Boécio, aflito, lamenta o abandono da Fortuna, que antes o havia favorecido com bens e status. É nesse momento que surge a figura da Filosofia, que repreende suas lamentações e o convida à razão. Assim, a Filosofia o indaga para onde tende toda a Natureza, qual o fim de todas as coisas. Boécio demonstra que conhece a causa (Deus), mas desconhece o fim (finalidade) e que esqueceu que o homem tem em si algo divino, racional, orientado para o bem, portanto, sua doença estava em atribuir a sua felicidade às coisas externas e passageiras. Mas sua cura estava na faísca do entendimento de um governo do mundo sujeito à Razão Divina e de que todos os homens tendem naturalmente ao Bem. Assim, a morte neste contexto não é um fim absoluto, mas uma elevação da alma racional que partilha da certeza da eternidade e da verdadeira felicidade que está na união com Deus, e não nas vicissitudes da vida terrena. Por outro lado, a música *Aquarela*, de forma lúdica e poética, retrata a vida como algo que se transforma constantemente, onde tudo é efêmero, transitório: “nessa estrada, não nos cabe conhecer ou ver o que virá. O fim dela, ninguém sabe bem ao certo onde vai dar”. Assim, as obras dialogam em relação à finitude da vida. Boécio, enfrentando a morte iminente, busca encontrar sentido naquilo que é eterno e imutável. Ele reconhece a finitude da vida como um chamado à reflexão sobre o que realmente tem valor. Já Toquinho parece sugerir que a efemeridade da vida seja o que lhe confere valor e poesia, que há beleza naquilo que passa, aceitando suas transformações como parte da existência. Ambos, apesar das transformações enxergam a beleza da finitude – um pela esperança na eternidade e o outro, pela poesia do presente. Portanto, *A Consolação da Filosofia* e *Aquarela* se encontram ao reconhecer que a vida é breve, mas pode ser plena, seja pela sabedoria divina, seja pela arte de viver cada momento com beleza e leveza.

Palavras-chave: Felicidade. Filosofia. Finitude.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

A FINITUDE DA VIDA NA CONSOLAÇÃO DA FILOSOFIA DE BOÉCIO E NA AQUARELA DE TOQUINHO

Carlos Alberto Magalhães¹, Márcia M. Matos², Angela M. Davis² e André Campos³

¹Graduando em Teologia – FSBRJ ²Graduandas em Filosofia – FSBRJ ³Professor de Filosofia – FSBRJ

Contato: marcia0307@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho propõe uma reflexão sobre a finitude da vida como caminho para a verdadeira felicidade, a partir de duas obras de natureza distintas: *A Consolação da Filosofia*, de Boécio, e a canção *Aquarela*, de Toquinho, Guido Morra, entre outros.

A análise parte da premissa de que a consciência da finitude pode levar o ser humano a uma busca mais profunda sobre o sentido da existência. Ambas as obras abordam essa temática universal que perpassa épocas e culturas: a morte e o caráter transitório da vida.

OBJETIVO

Compreender como *A Consolação da Filosofia* e *Aquarela* dialogam entre si ao propor uma visão da vida atravessada pela consciência da finitude e pela busca da verdadeira felicidade.

METODOLOGIA

A metodologia consistiu em uma análise qualitativa e comparativa entre os dois textos. A leitura interpretativa foi orientada por uma abordagem hermenêutica, considerando o contexto filosófico da obra de Boécio e a linguagem simbólica e subjetiva presente na canção de Toquinho.



Figura 1 – Iluminura de Boécio (1385)



Figura 2 – Toquinho (1983)

CONCLUSÃO

A *Consolação da Filosofia* e *Aquarela* se encontram ao reconhecer que a vida é breve, mas pode ser plena – seja pela sabedoria que conduz à eternidade, seja pela arte de viver com leveza e beleza o presente que passa. Ambas as obras oferecem ao ser humano, diante da consciência da morte, caminhos diferentes para compreender e valorizar a vida.



Figura 3 – Et in Arcadia ego de Guercino (1618-1622)

RESULTADOS

Na obra de Boécio, logo nos primeiros versos, o autor lamenta o abandono da Fortuna, que antes o favorecia com bens e status. É então que surge a figura da Filosofia, que o convida à razão.

Ao longo do diálogo, Boécio reconhece Deus como causa, mas se esquece do fim: a finalidade última da existência. Ele também se esquece de que o homem possui algo divino, racional e orientado para o bem.

Sua “doença” consistia em atribuir sua felicidade às coisas externas e passageiras. Mas sua cura estava na farsa do entendimento de que o mundo é governado pela Razão Divina e de que todos os homens tendem naturalmente ao Bem.

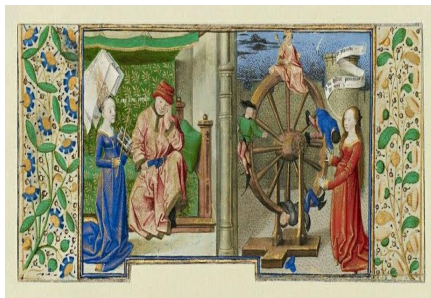


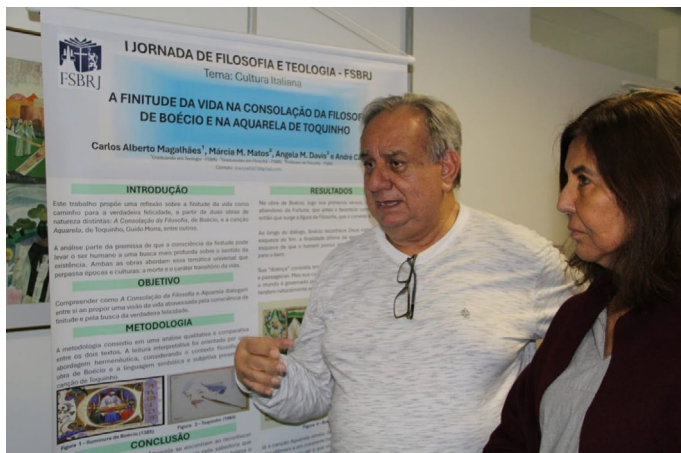
Figura 4 – Boécio e a Filosofia

Já a canção *Aquarela* retrata, de forma poética e lúdica, a vida como algo efêmero e em constante transformação: “nessa estrada, não nos cabe conhecer ou ver o que virá. O fim dela, ninguém sabe bem ao certo onde vai dar”. A canção sugere que é justamente a transitoriedade da vida que lhe confere valor e poesia, celebrando a beleza do que passa e se transforma.



Figura 5 – Estrada (Fonte: Freepik)

Palavras-Chave: Felicidade. Filosofia. Finitude.



O homem livre como autor de seu destino: um elo entre Pico della Mirandola e Sartre

MARCOS JOSÉ ANDRADE DEIRÓ, SAC¹

IVANILSON FIRMINO DOS SANTOS²

WELLINGTON MOREIRA DA SILVA³

PROF. DR. LEANDRO ASSIS SANTOS⁴

O presente trabalho tem como objetivo abordar a questão da liberdade humana, considerando o homem como o único responsável por suas escolhas e pela construção de sua existência. Para isso, utilizaremos como base as obras *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Giovanni Pico della Mirandola, e *O existencialismo é um humanismo*, de Jean-Paul Sartre. O método adotado para orientar a análise é o hermenêutico-comparativo, que visa interpretar e comparar as ideias dos autores, buscando evidenciar como ambos tratam a liberdade humana a partir da ideia de que o ser humano é o construtor de si mesmo e de seu destino, isento de qualquer predestinação. Pico della Mirandola, influenciado pelo espírito do Renascimento, apresenta de maneira inovadora as características fundamentais do homem em sua concepção universal na obra *Discurso sobre a dignidade do homem*. Ele busca desvincular o ser humano de qualquer poder ou força sobrenatural

¹ Marcos José Andrade Deiró, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Ivanilson Firmino dos Santos é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Wellington Moreira da Silva é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

⁴ Leandro Assis Santos é Doutor em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

que possa limitar ou predeterminar seu destino. Para Pico, ao criar o homem, Deus não lhe conferiu um lugar fixo no universo, nem lhe impôs leis imutáveis, mas deu-lhe a liberdade, conferindo-lhe o dom de ser artífice de si mesmo. O ser humano, assim, é isento de qualquer determinação externa, e é pela faculdade de sua vontade livre que ele escolherá se assemelhar aos seres irracionais ou ascender ao grau mais elevado, aproximando-se dos entes divinos. Por outro lado, Sartre, no século XX, ao romper com as tradições metafísicas e teológicas, aprofunda sua filosofia existencialista na obra *O existencialismo é um humanismo*, ao afirmar que o homem está "condenado a ser livre". A teoria da liberdade humana proposta pelo existencialismo sartreano não é uma dádiva divina, mas uma condição intrínseca e necessária da existência humana, que se caracteriza pela liberdade de escolha. Para Sartre, não existem valores absolutos; o ser humano cria a si mesmo, não havendo uma essência ou natureza preexistente que o predetermine. Dessa forma, o homem é responsável por se criar, e essa criação é fruto de sua liberdade. Assim, o destino do ser humano não está pré-definido, mas é moldado pelas escolhas que faz a partir de seus atos, sendo a sua essência determinada exclusivamente pelas possibilidades que escolhe ao longo de sua existência. Embora situados em contextos históricos distintos, concluímos que tanto Pico della Mirandola quanto Sartre têm como ideia central a liberdade humana como a força responsável pela formação do próprio destino, com base nas escolhas feitas pelo homem, sem a interferência de divindades ou quaisquer outros fatores externos.

Palavras-chave: Liberdade. Pico della Mirandola. Sartre.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

O HOMEM LIVRE COMO AUTOR DE SEU DESTINO EM PICO DELLA MIRANDOLA E SARTRE
 Marcos José Andrade Deiró, SAC¹, Ivanilson Firmino dos Santos, PODP¹, Wellington Moreira da Silva, PODP¹ e Leandro Santos²
 contato: marcos.deiro@gmail.com

¹Graduando de Teologia FSBRJ
²Professor de Filosofia FSBRJ

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a questão da liberdade humana, considerando o homem como o único responsável por suas escolhas na construção de sua existência. Para isso, utilizaremos como base as obras *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Giovanni Pico della Mirandola, e *O existencialismo é um humanismo*, de Jean-Paul Sartre;

RESULTADOS

Embora situados em contextos históricos distintos, tanto Pico della Mirandola quanto Sartre têm como ideia central a liberdade humana como a força responsável pela formação do próprio destino, com base nas escolhas feitas pelo homem, sem a interferência de divindades ou quaisquer outros fatores externos.

METODOLOGIA

O método adotado para orientar a análise é o hermenêutico-comparativo, que visa interpretar e comparar as ideias dos autores, buscando evidenciar como ambos tratam a liberdade humana a partir da ideia de que o ser humano é o construtor de si mesmo e de seu destino, isento de qualquer predestinação.

Pico della Mirandola

Jean-Paul Sartre

Self Made Man - Título



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que a ideia de um homem que se constrói se faz presente na medida em que o homem não tem uma essência fixa, mas antes, esta em um constante aprimoramento do seu eu.

Palavras-Chave: liberdade. Pico della Mirandola. Sartre.





I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

O HOMEM LIVRE COMO AUIORA DE SEU DESTINO EM PICO DELLA MIRANDOLA E SARTRE
 Marcos José Andrade Deiro, SAC¹, Karoline Fariato dos Santos, PGDP², Wellington Moreira da Silva, PDDP³ e Leandro Santos⁴
 contato: mrocosdeiro@gmail.com

¹Graduado de Teologia FSBRJ
²Professor de Filosofia FSBRJ

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo abordar a questão da liberdade humana, considerando o homem como o único responsável por suas escolhas na construção de sua existência. Para isso, utilizaremos como base as obras *Discurso sobre a dignidade do homem*, de Giovanni Pico della Mirandola, e *O existencialismo é um humanismo*, de Jean-Paul Sartre.

METODOLOGIA

O método adotado para orientar a análise é o hermenêutico-comparativo, que visa interpretar e comparar as ideias dos autores, buscando evidenciar como ambos tratam a liberdade humana a partir da ideia de que o ser humano é o construtor do si mesmo e de seu destino, isento de qualquer predestinação.

Self Made Man - Título



RESULTADOS

Embora situados em contextos históricos distintos, tanto Pico della Mirandola quanto Sartre têm como ideia central a liberdade humana como a força responsável pela formação do próprio destino, com base nas escolhas feitas pelo homem, sem a interferência de divindades ou quaisquer outros fatores externos.

Pico della Mirandola
Jean-Paul Sartre




CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vemos que a ideia de um homem que se constrói ao faz presente na medida em que o homem não tem uma essência fixa, mas antes, esta em um constante aprimoramento do seu eu.

Palavras-Chave: Liberdade, Pico della Mirandola, Sartre.

O Nome da Rosa: um romance policial repleto de referências filosóficas

NEWTON GERARDO BRAUNE NETO¹

PROF. D. TOMÁS DOS SANTOS PERES, OSB²

O Nome da Rosa, publicado em 1980, é o mais famoso livro do escritor e filósofo italiano Umberto Eco. Esse bestseller, com mais de 50 milhões de cópias vendidas, é considerado um dos grandes livros do século XX. Seu sucesso foi tão arrebatador que, em 1986, foi adaptado para o cinema, sendo estrelado pelo eterno “James Bond”, Sean Connery, alcançando êxito semelhante ao livro. Idealize um monastério medieval, bem recluso no norte da Itália, onde meia dúzia de monges são encontrados assassinados de formas inexplicáveis. Um monge franciscano, com ares de Sherlock Holmes, é enviado para solucionar o enigma e encontra eventos ainda mais assustadores dentro da abadia. Conceba também que todos os crimes foram cometidos por razões altamente éticas e culturais. Imagine que um manuscrito contendo a segunda parte perdida da “Poética” de Aristóteles, que contém a teoria da comédia e do riso, foi encontrado na biblioteca do monastério e que alguém fará de tudo para impedir a circulação desse manuscrito. A princípio a temática central do livro remete à uma trama policial, ou seja, a resolução de uma série de assassinatos. Entretanto, Umberto Eco vai muito além e nos apresenta um enredo que retrata uma determinada concepção do mundo e do conhecimento, em que as bibliotecas eram consideradas guardiãs do saber e da preservação da memória, tendo

¹ Newton Gerardo Braune Neto é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² D. Tomás dos Santos Peres, OSB é Mestre em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

um papel fundamental na Idade Média. Umberto Eco nos apresenta, na sua obra, a luta da Igreja Medieval contra o riso, através da palavra de Aristóteles, pois o riso teria a função de libertar o homem do medo do Demônio e consequentemente do temor a Deus. O objetivo do trabalho é apresentar um resumo do livro do filósofo italiano, a importância de Umberto Eco para a filosofia contemporânea, as várias referências filosóficas contidas no Nome da Rosa e o debate sobre a importância do monopólio do saber durante a Idade Média. Um tema que permanece bastante atual, visto o surgimento e a expansão da Inteligência Artificial, que traz a reboque tanto benefícios quanto problemas para a difusão e manipulação do conhecimento.

Palavras-chave: O Nome da Rosa. Umberto Eco. Poética. Aristóteles.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSB RJ

Tema: Cultura Italiana

O Nome da Rosa: um romance policial repleto de referências filosóficas

Newton Braune¹ e D. Tomás Peres, OSB²

nbraune@gmail.com

¹Graduando de Filosofia FSB RJ

²Professor de Filosofia FSB RJ

INTRODUÇÃO

O livro O Nome da Rosa, com mais de 50 milhões de cópias vendidas, é considerado um dos grandes livros do século XX.

Seu sucesso foi tão arrebatador que, em 1986, foi adaptado para o cinema, sendo estrelado pelo eterno "James Bond", Sean Connery, alcançando êxito semelhante ao livro.

Figura 1 – Capa do Livro

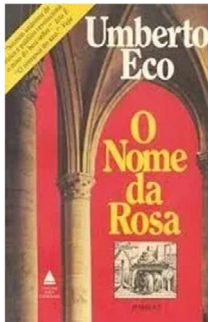
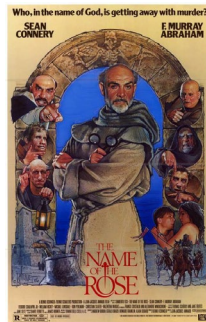


Figura 2 – Filme sobre o Livro



RESULTADOS

Umberto Eco nos apresenta um enredo que retrata uma determinada concepção do mundo e do conhecimento, nos quais os mosteiros medievais eram considerados guardiões do saber e da preservação da memória.

A princípio, a temática central do livro remete a uma trama policial, ou seja, a resolução de uma série de assassinatos ocorridos no mosteiro.

Figura 4 – Aristóteles

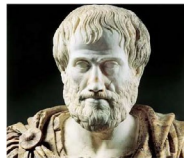


Figura 5 – Umberto Eco



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entretanto, no final do livro, ficamos conhecendo a real motivação dos assassinatos: a descoberta de um manuscrito contendo a segunda parte perdida da "Poética" de Aristóteles, que contém a teoria da comédia e do riso.

Todos os monges que tiveram contato, com o referido manuscrito, precisavam ser eliminados, pois o riso teria a função de libertar o homem do medo do Demônio e consequentemente do temor à Deus.

O tema, abordado no livro, permanece bastante atual, mesmo tendo passado trinta anos, pois ele provoca um debate sobre o monopólio do saber.

Com o surgimento e a expansão da Inteligência Artificial, começamos a enfrentar tanto os benefícios quanto os problemas que a difusão e manipulação do conhecimento vem sofrendo na atualidade.

METODOLOGIA

Leitura detalhada do livro, buscando destacar as diversas atusões à filosofia usadas pelo autor Umberto Eco.

Figura 3 – Os atores: Sean Connery e Christian Slater



Palavras-Chaves: O Nome da Rosa, Umberto Eco, Poética, Aristóteles

REFERÊNCIAS

ECO, Umberto. O Nome da Rosa. Tradução de Aurora F. Bernardini e Homero Freitas de Andrade. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2018a.

GUIMARÃES, D. A. D. A idade média revisitada por Eco. Revista Letras. Curitiba. v.37, p. 1-16, 1988.



***Pacem in Terris*: um caminho de verdadeira esperança**

MATHEUS TRINDADE DA SILVA¹

FRANCISCO GUILHERME CARDOSO DA SILVA²

PROFA. DRA. MARIA CLARA DA SILVA MACHADO³

A encíclica *Pacem in Terris*, redigida pelo Papa São João XXIII em 11 de abril de 1963, é um marco para a época e endereçada a todos os povos. A encíclica converteu-se em um importante documento histórico, pois fala de justiça, paz e direitos humanos, surge em um contexto de guerra fria e da crise dos mísseis em Cuba. Fundamentalmente João XXIII busca realizar um apelo pela paz e manifesta seu desejo de que todos os povos, apesar das diferenças, se desarmem e busquem preservar os direitos e deveres que cada homem tem com os demais, por isso diz: "A paz na Terra, anseio profundo dos seres humanos de todos os tempos, só pode ser estabelecida e consolidada no pleno respeito da ordem estabelecida por Deus". Esse desejo de paz permite-nos indicar um paralelo entre o documento de João XXIII e o documento do Papa Francisco, *Spes non confundit*, posto que este último retoma o pensamento e apelo pela paz, quando diz "Que o primeiro sinal de esperança se traduza em paz para o mundo, mais uma vez imerso na tragédia da guerra". Com base nessas duas correntes, e tendo como obra principal a *Pacem in Terris*, busca-se realizar um panorama teológico, filosófico e social para se discutir a paz, por ser ela direito de todo homem. Nessa

¹ Matheus Trindade da Silva é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Francisco Guilherme Cardoso da Silva é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Maria Clara da Silva Machado é Doutora em Teologia Bíblica e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

esteira da paz, desejamos resgatar um santo romano, São Vicente Pallotti, que no século XIX já impulsionava os seus para não perderem a esperança, pois “enquanto se vive há esperança” inclusive, de paz. A visão principal de João XXIII, sobre a paz verdadeira encontra-se alicerçada sobre quatro pilares importantes, a saber: direitos e deveres da pessoa humana; relações entre os seres humanos e o Estado; relações entre os Estados; e Relações Internacionais, visando uma maior participação da ONU. Os quatro pilares podem ser resumidos, na visão do romano pontífice, da seguinte forma: todo ser humano tem direito à vida, à integridade física, à liberdade, à educação, ao trabalho, à moradia, e à participação política. Esses direitos vêm acompanhados de deveres, a saber: o direito de um implica o dever do outro em respeitá-lo. O Estado deve servir ao bem comum e respeitar os direitos fundamentais da pessoa humana. A autoridade política deve ser exercida com justiça e legitimidade. As nações devem resolver seus conflitos por meio do diálogo e da diplomacia, nunca pela força ou guerra. Todos os povos têm o direito à autodeterminação e à soberania. E, por fim, condena a corrida armamentista e propõe o desarmamento controlado e progressivo. Tendo em vista o contexto atual de guerras e tamanhas indiferenças, conclui-se que a *Pacem in Terris* se mostra atual. A busca incansável pela paz deve ser vista com um olhar de esperança, que pode ser alcançado tomando consciência da presença divina, “paz na terra aos homens de boa vontade” (Lc 2,14). A paz é um caminho que só encontra resposta na busca esperançosa de homens dispostos a exercerem os seus papéis de “vivos” no Mundo, como ensina São Vicente Pallotti.

Palavras-chave: Paz. Esperança. *Pacem in Terris*.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSBRJ

Tema: Cultura Italiana

¹GRADUANDO DE FILOSOFIA FSBRJ
² PROFESSORA DE FILOSOFIA FSBRJ

Pacem In Terris: um caminho de verdadeira esperança

¹Francisco Guilherme Cardoso da Silva, ¹Matheus Trindade da Silva e ²Prof. Dr.^a Maria Clara da Silva Machado
Contato_Email: trindadepalotino2212@gmail.com

INTRODUÇÃO

No atual contexto social marcado pela violência é de extrema importância voltar o olhar para um horizonte pacífico. Com base nessa temática a figura italiana escolhida, o Papa João XXIII, que aborda esse tema na encíclica "*Pacem in Terris*", é um grande anunciador dessa paz. Partindo desta encíclica o trabalho busca também uma contextualização no ano jubilar da esperança, na carta "*Spes non Confundit*", mostrando que a paz é o primeiro sinal de esperança para um mundo assolado pelas polarizações. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo relacionar questões que envolvem o assunto da paz tanto no âmbito filosófico quanto teológico, pois a paz é desejo do homem e alicerçada na verdade revelada que é também anseio do próprio Deus. "Bem aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus" Mt 5,9.

RESULTADOS

A partir do tema estudado notou-se que a necessidade de paz é algo que atravessa toda cronologia histórica, uma paz que não é feita apenas com conceitos, mas prática, algo que foi vivido pelos autores expostos, cada um em seu tempo. A discussão da busca pela paz é necessária para qualquer ambiente em que se está inserido, cabe a cada um com uma verdadeira esperança buscar praticá-la. Em síntese, a paz parte de uma decisão pessoal e cresce em um movimento espiral, onde cada um contribui para a sua propagação.

Figura 2 - São Vicente Pallotti

Figura 3 - Papa Francisco, autor da carta

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracterizou-se por uma abordagem explicativa com base na encíclica "*Pacem in Terris*" que aborda o tema da paz no mundo. Cabe ainda ressaltar que foi feita uma contextualização com o jubileu da esperança na carta "*Spes non Confundit*", na busca esperançosa pela paz no mundo. Para maior enriquecimento da pesquisa foi lançado um olhar para São Vicente Pallotti que aborda a busca de uma vida esperançosa e de paz, impulsionada por todos.

Figura 1 - Papa São João XXIII assinando a encíclica, *Pacem in Terris*.



Palavras-Chaves: Paz, Esperança, Pacem In Terris.

SPES NON CONFUNDIT
A esperança não decepciona



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo realizado toda a pesquisa e discussões acerca do tema, chega-se a conclusão final de que a paz é direito de todos os homens e que deva ser vivenciada nos pequenos grupos e principalmente pelos governantes. A paz é um caminho que não só era necessário em 1963, mas é algo que ainda hoje se faz necessário, como um caminho de verdadeira esperança.

REFERÊNCIAS

JOAO XXII. *Pacem in Terris*. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2000

FRANCISCO. Bula de proclamação do Jubileu Ordinário 2025 "*Spes non confundit*".

Cidade do Vaticano, 9 de maio de 2024. Disponível em: [URB da Bula](https://www.vatican.va/holy_father/francesco/bulls/2025/05/09-bulla-proclamazione-jubileu-ordinario-2025_spes-non-confundit_pt-br.html). Acesso em: 7 ago. 2025.





Um pensar sobre *Quiddidade*

MARISE MALECK DE OLIVEIRA¹

LUIS EDUARDO PENA OSORIO²

JOÃO VICTOR DE ANDRADE QUINTANILHA³

D. TOMÁS DOS SANTOS PERES, OSB⁴

Tudo é ente, tudo o que é, tudo o que existe. Plantas, animais, pessoas, pedras, anjos... tudo é ente. O indivíduo, sendo uma realidade concreta, com identidade e existência próprias, é ente. A ciência compreende de maneira empírica, como o corpo funciona, como os genes se expressam etc., na busca da explicação do "como". Este estudo teve como objetivo compreender a concepção de essência sob a metafísica da filosofia aristotélico-tomista. A investigação foi realizada a partir da leitura da obra "O ente e a essência" de São Tomás de Aquino*. Tomás descreve a "essência como aquilo pelo qual um ente é o que é", sua *quiddidade* (*quidditas*), o que responde à pergunta "o que é isso?". O que diferencia o ente não é o ser, mas como ele é, pois nem todos possuem a mesma essência. A diferença entre os entes é a composição da sua essência e sua participação (grau) no ser. Nas substâncias compostas, a essência é resultado da junção matéria e forma; nas substâncias simples (os anjos), somente da forma. Mas, Deus, Ah! Deus! É a essência, é o próprio ato de Ser. "Ele" é realidade única. Todo ser possui essência (o

¹ Marise Maleck de Oliveira é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Luis Eduardo Pena Osorio é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ João Victor de Andrade Quintanilha é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

⁴ D. Tomás dos Santos Peres, OSB é Mestre em Filosofia e professor da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

que é), a estrutura inteligível do ente, e existência (que é), o que afirma que algo é real. O ser é “ato” constitutivo que atualiza a essência, conferindo-lhe realidade. Para Tomás, uma coisa só é conhecida quando possui ser. É o que torna possível o conhecimento. Portanto, a essência do ser humano é de matéria e forma, e a alma racional a sua forma substancial. A alma, segundo Tomás, é espiritual, imaterial e imortal, e é ela que confere identidade e unidade ao indivíduo. A essência humana é o fundamento de sua natureza universal, presente nos indivíduos da espécie. A palavra “essência” possui diversos significados, como: *quididade* (das substâncias compostas); forma (no sentido em que dá inteligibilidade à matéria) como afirma Avicena; e *natureza*, segundo Boécio. A essência, assim é, o fundamento dos entes, o que permite classificá-los em gênero, espécie e diferença. Segundo Tomás de Aquino, “a essência é o princípio ontológico e epistemológico que estrutura a realidade e o conhecimento”. Ela permite hierarquizar os entes conforme a graduação de sua participação no ser, desde a matéria prima até o “Ato puro”. A ciência investiga o funcionamento do indivíduo através do método, do empírico, da investigação experimental. Tomás propõe uma ontologia que “transcende” a matéria, na busca da causa última. Conclui-se a existência de diferentes perspectivas, caminhos e maneiras, de olhar o indivíduo, tanto com a abordagem da experimentação, do “como” da existência individual, como da filosofia tomista, do indagar o “porquê” e o “para que” do ser. Mas, um único propósito, entender o ser e sua essência.

Palavras-chave: Metafísica. Tomismo. Essência.

*AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Vozes de Bolso).



Tema: Cultura Italiana Um pensar sobre *Quiddidade*

Marise Maleck¹, Luis Eduardo Pena Osorio¹,
João Victor de Andrade Quintanilha¹, D. Tomás Peres OSB²

¹Graduando do Curso de Filosofia – FSBRJ, ²Professor do Curso de Filosofia – FSBRJ

marise.maleck@gmail.com

INTRODUÇÃO

Tudo é ente, tudo o que é, tudo o que existe. Plantas, animais, pessoas, pedras, anjos... tudo é ente. O indivíduo, sendo uma realidade concreta, com identidade e existência próprias, é ente. A ciência compreende de maneira empírica, como o corpo funciona, como os genes se expressam etc., na busca da explicação do "como".

OBJETIVO

Este estudo teve como objetivo compreender a concepção de essência sob a metafísica da filosofia aristotélico-tomista.

METODOLOGIA

A investigação foi realizada a partir da leitura da obra (Figura 1) "O ente e a essência" de São Tomás de Aquino.

Figura 1 - O ente e a essência



Imagem: Google imagens. Acesso em 8 ago. 2025.

Palavras-Chaves: Metafísica. Tomismo. Essência.

RESULTADOS

Tomás descreve a "essência como aquilo pelo qual um ente é o que é", sua *quiddidade* (*quidditas*), o que responde à pergunta "o que é isso?". O que diferencia o ente não é o ser, mas como ele é, pois nem todos possuem a mesma essência. A diferença entre os entes é a composição da sua essência e sua participação (grau) no ser. Nas substâncias compostas, a essência é resultado da junção matéria e forma; nas substâncias simples (os anjos), somente da forma. Mas, Deus, Ah! Deus! É a essência, é o próprio ato de Ser. "Ele" é realidade única. Todo ser possui essência (o que é), a estrutura inteligível do ente, e existência (que é), o que afirma que algo é real. O ser é "ato" constitutivo que atualiza a essência, conferindo-lhe realidade. Para Tomás, uma coisa só é conhecida quando possui ser. É o que torna possível o conhecimento. Portanto, a essência do ser humano é de matéria e forma, e a alma racional a sua forma substancial. A alma, segundo Tomás, é espiritual, imaterial e imortal, e é ela que confere identidade e unidade ao indivíduo. A essência humana é o fundamento de sua natureza universal, presente nos indivíduos da espécie. A palavra "essência" possui diversos significados, como: *quiddidade* (das substâncias compostas); forma (no sentido em que dá inteligibilidade à matéria) como afirma Avicena; e *natureza*, segundo Boécio. A essência, assim é, o fundamento dos entes, o que permite classificá-los em gênero, espécie e diferença. Segundo Tomás de Aquino, "a essência é o princípio ontológico e epistemológico que estrutura a realidade e o conhecimento". Ela permite hierarquizar os entes conforme a graduação de sua participação no ser, desde a matéria prima até o "Ato puro". A ciência investiga o funcionamento do indivíduo através do método, do empírico, da investigação experimental. Tomás propõe uma ontologia que "transcende" a matéria, na busca da causa última.

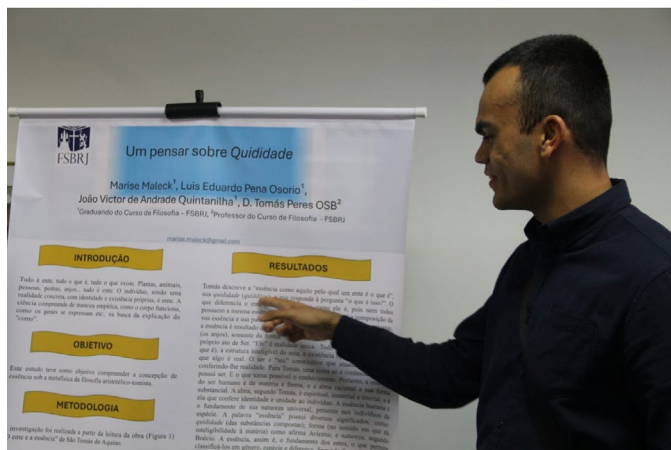
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se a existência de diferentes perspectivas, caminhos e maneiras, de olhar o indivíduo, tanto com a abordagem da experimentação, do "como" da existência individual, como da filosofia tomista, de indagar o "porquê" e o "para que" do ser. Mas, um único propósito, entender o ser e sua essência.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Tomás de. *O ente e a essência*. Tradução de Carlos Arthur do Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. (Vozes de Bolso).





Santa Lúcia e Donna Gentile: filosofia e graça iluminativa na obra de Dante Alighieri

MÁRCIA MONTEIRO MATOS¹

GUSTAVO LEMOS DE ABREU²

PROFA. DRA. MARIA CLARA DA SILVA MACHADO³

O trabalho investiga o papel de Santa Lúcia na obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri. A motivação para o estudo surgiu da leitura da biografia Dante: o poeta, o pensador político e o homem de Barbara Reynolds, que associa a personagem de Santa Lúcia à figura *donna gentile*, que aparece especialmente no livro *Vita Nuova*, simbolizando os estudos da filosofia. Nesse sentido, procura-se trazer elementos que corroborem essa percepção da escritora considerando a graça iluminativa de Tomás de Aquino. Metodologicamente, realiza-se uma análise comparativa de trechos selecionados da *Vita Nuova*, da Suma Teológica e da Divina Comédia e uma abordagem hermenêutica entre as personagens como mediadoras do saber. Um dos relatos da história de Santa Lúcia, conta que ela, após pedir a intercessão de Santa Ágata, recebe a graça da cura da mãe, que sofria de hemorragia. Por esse milagre, declarou sua fé, jurou castidade e pobreza. Por despeito, um pretendente a denunciou ao Consul Romano, que ordenou que ela oferecesse sacrifícios aos deuses romanos. Diante da recusa, foi condenada a ser violentada até a morte. Por intercessão

¹ Márcia Monteiro Matos é Graduanda em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Gustavo Lemos de Abreu é Graduando em Filosofia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Maria Clara da Silva Machado é Doutora em Teologia Bíblica e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

do Espírito Santo, sua castidade foi preservada, resultando em nova condenação: ser queimada. Como ela saiu ilesa dessa provação e tendo provado sua santidade e fortaleza, foi, pela versão grega, decapitada, ou, segundo a versão latina, teve a garganta perfurada. Tornou-se padroeira de Siracusa, sendo venerada no dia 13 de dezembro, período de menor luz solar pelo calendário juliano, dessa forma, pela associação entre escuridão e seu nome (derivado de luz, *lux*), era invocada contra doenças dos olhos. Dante mostra sua devoção a Santa Lúcia no livro *Convívio*, quando relata ter sofrido de problemas de visão e que se recomendou a Santa Lúcia, da qual obteve cura. Na *Divina Comédia*, Inferno (Canto II), pela primeira vez é mencionado o nome de Santa Lúcia, como aquela que chama a atenção de Beatriz, personificação da Teologia, para o estado de perigo pelo qual passava Dante. No Purgatório (Canto IX), ela conduz Dante até as portas do Purgatório, através de sua luz. Por fim, ela aparece no Paraíso (Canto XXXII), onde é aludida como aquela que direcionou os olhos de Dante ao bem. A *donna gentile*, no livro *Vita Nuova*, aparece a Dante em um momento de tristeza, escuridão e conflito interior. Ela consola Dante com a razão, fazendo com que ele recupere o controle de suas emoções. Infere-se, portanto, que existem elementos poéticos, teológicos e literários que indicam uma associação entre essas personagens na obra de Dante. Assim, nesse ponto, se coloca a presença da graça iluminativa. Tomás de Aquino diz que o intelecto criado não pode ver a essência divina, apenas por via de uma luz nova, uma luz da graça que torna inteligível para o homem as coisas divinas. Portanto, Santa Lúcia seria a figura que representa a graça iluminativa, aquela que orienta a mente humana nos momentos de escuridão em direção a uma razão divina.

Palavras-chave: Dante Alighieri. Santa Lúcia. Graça Iluminativa.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA - FSB RJ

Tema: Cultura Italiana

SANTA LÚCIA E DONNA GENTILE: FILOSOFIA E A GRAÇA ILUMINATIVA NA OBRA DE DANTE ALIGHIERI

Márcia M. Matos¹, Gustavo Lemos de Abreu¹ e Maria Clara Machado²

¹Graduando em Filosofia – FSB RJ ²Professora de Teologia – FSB RJ

Contato: marcia0307@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte da obra *Divina Comédia*, de Dante Alighieri, para investigar a presença simbólica e filosófica de Santa Lúcia no percurso espiritual do autor. A análise é inspirada na biografia escrita por Barbara Reynolds, que associa Santa Lúcia à figura da *donna gentile*, presente no *Vita Nuova*, identificada como símbolo da filosofia. Essa associação é abordada à luz da teologia de Tomás de Aquino, em especial o conceito de graça iluminativa.

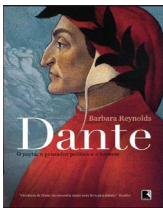


Fig. 1 – Dante, Barbara Reynolds



Fig. 2 – Divina Comédia, Dante Alighieri

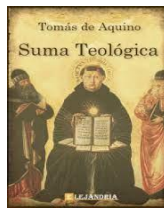


Fig. 3 – Suma Teológica, Tomás de Aquino

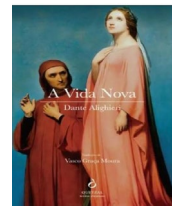


Fig. 4 – A Vida Nova, Dante Alighieri

OBJETIVO

Investigar a relação simbólica entre Santa Lúcia e a *donna gentile* na obra de Dante, interpretando ambas como manifestações da graça iluminativa que guia o intelecto humano na busca pelo saber e pela visão do divino.

RESULTADOS

Santa Lúcia aparece como figura chave no percurso de Dante, desde o *Inferno*, quando intercede por ele junto a Beatriz, até o *Paraíso*, onde é lembrada como aquela que guia seus olhos ao bem. Sua biografia hagiográfica ressalta sua associação com a luz, a cura da visão e a fé inabalável.

A *donna gentile*, por sua vez, é apresentada como consolo racional em tempos de escuridão emocional.

A comparação entre ambas revela uma mesma figura simbólica: a personagem que, iluminada e iluminadora, conduz o sujeito à verdade. Tal atuação corresponde, em Tomás de Aquino, à graça iluminativa, que torna o intelecto apto a conhecer realidades superiores pela luz divina.

CONCLUSÃO

A leitura da obra de Dante sugere uma interligação entre filosofia e teologia, expressa por personagens que simbolizam a luz e o saber.

Santa Lúcia, como representação da graça iluminativa, exerce um papel essencial no itinerário espiritual de Dante, atuando como mediadora entre a escuridão interior e o conhecimento divino.

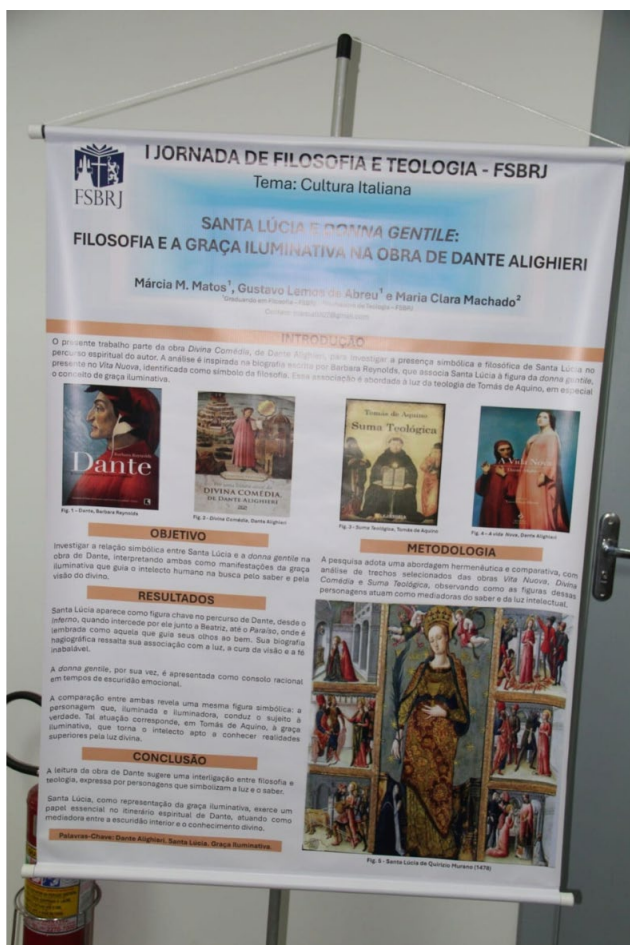
Palavras-Chave: Dante Alighieri. Santa Lúcia. Graça Iluminativa.

METODOLOGIA

A pesquisa adota uma abordagem hermenêutica e comparativa, com análise de trechos selecionados das obras *Vita Nuova*, *Divina Comédia* e *Suma Teológica*, observando como as figuras dessas personagens atuam como mediadoras do saber e da luz intelectual.



Fig. 5 – Santa Lúcia de Quirizio Murano (1478)



São Vicente Pallotti: testemunha de fé e modelo de apostolado

JOÃO MARCELO LEITE DE ALMEIDA, SAC¹

KEVEN QUINTANILHA DE LIMA, SAC²

WESLEY RAMOS SOBRINHO, SAC³

PROFA. DRA. MARIA CLARA DA SILVA MACHADO⁴

Esse trabalho tem como base uma análise hermenêutica da homilia de canonização proferida pelo Papa São João XXIII, em 20 de janeiro de 1963. O propósito de tal pesquisa é delinear com clareza a profunda colaboração de São Vicente Pallotti para a Igreja, especialmente no que tange à valorização da missão universal dos leigos. Vicente Pallotti, descrito por João XXIII como um “simples padre romano”, destacou-se por sua vida de santidade, zelo pastoral e espírito missionário. Em 1835, tem a inspiração de fundar a União do Apostolado Católico, uma organização de padres, irmãos, irmãs e leigos, onde todos eram chamados de apóstolos do Apóstolo do Eterno Pai, numa época onde a atividade apostólica era exclusivamente do clero. Sua origem e formação romana, unidas a uma profunda sensibilidade espiritual, fizeram dele um verdadeiro modelo para o clero de sua época e para as futuras gerações. O Papa apresenta-o como “ornamento e decoro do clero romano”, destacando seu compromisso com

¹ João Marcelo Leite de Almeida, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

² Keven Quintanilha de Lima, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

³ Wesley Ramos Sobrinho, SAC é Graduando em Teologia na Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro.

⁴ Maria Clara da Silva Machado é Doutora em Teologia Bíblica e professora da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro (FSBRJ).

os pobres, os simples e os necessitados, a quem ele acolhia com coração paternal. A grande particularidade de Pallotti está na fundação da União do Apostolado Católico, obra que expressa sua convicção de que *todo batizado é chamado à missão evangelizadora*. Ele não restringe o apostolado ao clero, mas o entende como vocação universal, brotada da graça do batismo e sustentada pela caridade. Essa proposta, profética para o século XIX, seria plenamente acolhida pela Igreja no Concílio Vaticano II, que se realizava justamente à época de sua canonização. João XXIII enxerga em Pallotti um sinal providencial para os tempos do Concílio Vaticano II, e o exalta como mestre de santidade e precursor da renovação pastoral da Igreja. O Papa ressalta ainda a fidelidade de Pallotti à oração, à Eucaristia e ao estudo das Escrituras, virtudes que fundamentam seu apostolado fecundo. Ele se destaca não por estruturas humanas ou técnicas, mas por confiar radicalmente na ação da graça, vivendo como verdadeiro “servo inútil” (Lc 17,10), que semeia sem esperar reconhecimento pessoal, mas confiando a Deus a colheita. A canonização de Pallotti é, portanto, um apelo ao apostolado universal, um estímulo à dedicação apostólica e um convite à confiança na Providência. O Papa João XXIII encerra sua homilia com uma súplica comovente ao novo santo: que ele reacenda o fervor dos sacerdotes, anime os leigos e faça da Igreja um povo em missão, luz do mundo e sal da terra. Em suma, conclui-se que São Vicente Pallotti colaborou profundamente com a Igreja ao lançar as bases de uma espiritualidade missionária acessível a todos os cristãos, antecipando os grandes temas da eclesiologia contemporânea. Seu testemunho continua inspirando a Igreja a viver com renovado ardor a santidade, a caridade e o apostolado.

Palavras-chave: São Vicente Pallotti. Apostolado Universal. Concílio Vaticano II.



I JORNADA DE FILOSOFIA E TEOLOGIA: CULTURA ITALIANA

SÃO VICENTE PALLOTTI: TESTEMUNHA DE FÉ E MODELO DE APOSTOLADO

Autores:

¹João Marcelo Leite de Almeida SAC

²Keven Quintanilha de Lima SAC

³Wesley Ramos Sobrinho SAC

⁴Prof.ª Dra. Maria Clara Da Silva Machado

wesleyramos029@gmail.com

¹GRADUANDO DE TEOLOGIA - FSB RJ
²PROFESSORA DE TEOLOGIA - FSB RJ

1. INTRODUÇÃO

O presente estudo fundamenta-se em uma análise hermenêutica da homilia de canonização de São Vicente Pallotti, proferida por Sua Santidade o Papa São João XXIII em 20 de janeiro de 1963. A proposta central consiste em elucidar a significativa contribuição eclesial de Pallotti, particularmente no que se refere à valorização e promoção do protagonismo dos fiéis leigos na missão evangelizadora da Igreja.

2. OBJETIVO

Este trabalho tem por escopo apresentar São Vicente Pallotti como paradigma de santidade e de atuação apostólica no seio da Igreja, ressaltando sua proposta profética de um apostolado universal, posteriormente recepcionada e sistematizada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II.

3. METODOLOGIA

Adotou-se uma abordagem teológico-hermenêutica, centrada na interpretação do discurso papal de canonização e complementada por uma revisão bibliográfica especializada sobre a vida, espiritualidade e legado de São Vicente Pallotti, com ênfase em sua contribuição para a teologia do laicato e da missão.

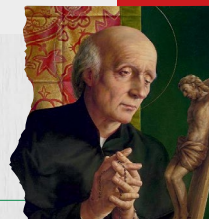
4. RESULTADOS

Designado por São João XXIII como um “simples padre romano”, Vicente Pallotti destacou-se por sua notável vida de santidade, zelo pastoral e fervor missionário. Em 1835, inspirado pela ação do Espírito Santo, fundou a União do Apostolado Católico, instituição que preconizava a corresponsabilidade de todos os fiéis batizados na missão da Igreja, superando a concepção clericalista vigente à época. Sua espiritualidade profundamente enraizada na oração, na centralidade da Eucaristia e na escuta das Escrituras fez dele um verdadeiro modelo de vida evangélica, antecipando as reflexões eclesiológicas que seriam posteriormente desenvolvidas pelo Vaticano II.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A canonização de São Vicente Pallotti representa não apenas o reconhecimento de sua santidade pessoal, mas também um chamado profético à Igreja contemporânea para viver, com renovado ardor, o apostolado universal. Sua figura permanece como referencial para a configuração de uma espiritualidade missionária acessível a todos os cristãos, marcada pela confiança na Providência Divina e pelo compromisso incondicional com o anúncio do Evangelho.

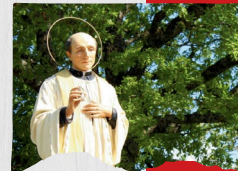
PINTURA DE
SÃO VICENTE PALLOTTI



SÃO JOÃO XXIII
REZANDO DIANTE DO
CORPO DE PALLOTTI



ESTÁTUA DE
SÃO VICENTE PALLOTTI



SÃO JOÃO XXIII
INCENSANDO O
CORPO DE PALLOTTI

